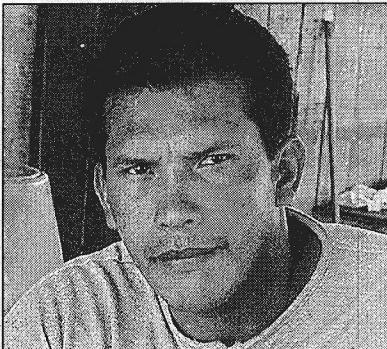


Saiba mais sobre o confronto

Reprodução

• Em 26 de fevereiro de 1991, guerrilheiros colombianos atacaram um posto do Exército brasileiro no Rio Traíra (AM), na fronteira do Brasil com a Colômbia, e mataram três soldados brasileiros. Dois garimpeiros colombianos, que estavam detidos no local, também foram mortos. Doze soldados ficaram feridos. Em seguida, o Exército brasileiro deu início a uma ação de resposta que resultaria na morte de pelo menos sete colombianos, identificados como guerrilheiros. Ex-militares que participaram da ação garantem agora que os mortos eram garimpeiros e foram executados após terem sido capturados.

Luiz Carlos Santos



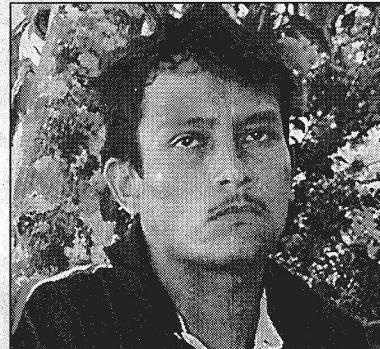
• **VATAÍDE DO NASCIMENTO:** O Vavá, de 30 anos. Soldado do Exército na época do conflito do Traíra, em que foi ferido com dois tiros na perna, retornou à campanha 45 dias depois, quando afirma ter testemunhado a execução de três garimpeiros colombianos por um grupo de quatro militares brasileiros. Segundo ele, após ficarem dois dias amarrados num tronco, sem comida, os colombianos foram levados num barco pelos soldados, que retornaram ao acampamento dizendo que haviam executado os prisioneiros.

— Os presos imploraram em nome dos filhos para não morrer, mas não houve jeito. Acabaram fuzilados.

Vavá diz ainda que, três dias depois do ataque das Farc ao posto de fronteira do Exército, um oficial determinou que todos os garimpeiros presos em território brasileiro fossem mortos pelos soldados porque se tratava de uma guerra suja.



Luiz Carlos Santos



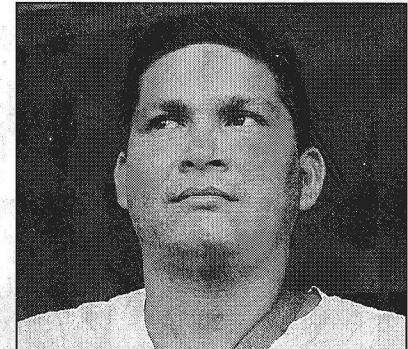
• **ROOSVEL CALDERÓN:** Dono de um bar no garimpo na época da ação, diz ter sido preso e torturado pelos soldados brasileiros durante o conflito:

— Na prisão, que cheirava mal, encontrei um couro cabeludo e outros restos mortais, queimados com gasolina.

• **ANTELMO FERREIRA:** Ex-soldado do Exército, Antelmo, de 30 anos, disse que atuou nos primeiros 45 dias da campanha como barqueiro da equipe de militares que, segundo ele, levava prisioneiros colombianos para serem executados na mata, às margens do Rio Traíra. Ele disse que os soldados desembarcavam com os prisioneiros e, depois, retornavam sem eles. O ex-soldado afirma que só revelará o nome dos oficiais responsáveis se receber garantias de vida.

— Apesar de todas as cenas bárbaras que fui obrigado a presenciar, com medo de também ser morto, acabei abandonado e cheio de problemas psicológicos.

Luiz Carlos Santos



• **ALBERTO CARNEIRO:** Sargento do Exército na época, Carneiro, hoje com 30 anos, disse ter testemunhado cenas violentas. Numa delas, afirma, garimpeiros foram fuzilados após passar dois dias amarrados num tronco. Segundo ele, os corpos eram queimados por um sargento que era seu amigo. Em outra cena, afirma ter visto o sargento voltar de uma ponte (supostamente o local de execução) abalado por ter visto outro sargento atingido com um facão a cabeça de uma mulher grávida.

— Ele chegou à base indignado com tamanha barbaridade. A mulher perdeu também a criança. Foi morta a golpes de facão porque os soldados queriam economizar munição.

Carneiro afirma que, além de ter sido obrigado a testemunhar o assassinato da mulher grávida, o sargento também teria sido obrigado pelo comandante das operações a atear fogo no corpo.